Missões
Revista de Ciências Humanas e Sociais

DE VOLTA AO CINE ARGUS: MEMÓRIAS DO CINEMA DE RUA DE CASTANHAL

VOLVER AL CINE ARGUS: MEMORIAS DEL CINE DE RUA DE CASTANHAL

BACK TO CINE ARGUS: MEMORIES OF STREET CINEMA IN CASTANHAL

Recebido em: 29/10/2024
Aceito em: 21/12/2024
Publicado em: 28/12/2024

José Edivaldo Moura da Silva[1]
Instituto Federal do Pará

Marco Antonio Moreira Carvalho [2]
Instituto Federal do Pará

Resumo: Esta pesquisa aborda a importância do cinema de rua. Espaço diretamente ligado à cidade, para o qual se dirigia uma massa de pessoas interessadas não somente na audiência dos filmes, mas também nas vivências socioafetivas que esse encontro propiciava. Investigamos a relação que o cinema de rua constituiu com a sociedade, com base em estudo de caso realizado a partir das memórias de ex-funcionários e frequentadores do Cine Argus, da cidade de Castanhal, no estado do Pará. Foram realizadas entrevistas e análise documental, a partir de imagens e periódicos, bem como pesquisa e revisão bibliográfica. As memórias pessoais do autor são utilizadas neste trabalho, especialmente, a partir dos dois documentários produzidos pelo mesmo: Memórias do Cine Argus (2014) e O Cinema de Seu Duca (2016).

Palavras-chave: Cinema; Memória; Filme Documentário.

Resumen: Esta investigación aborda la importancia del cine de calle, un espacio directamente vinculado a la ciudad, al que acude una masa de personas interesadas no sólo en la audiencia de las películas sino también en las experiencias socioafectivas que este encuentro brindó. Investigamos la relación que el cine de calle tenía con la sociedad, a partir de un estudio de caso realizado a partir de las memorias de ex empleados y habituales del Cine Argus, en la ciudad de Castanhal, en el estado de Pará. Se realizaron entrevistas y análisis documental. a partir de imágenes y publicaciones periódicas, así como investigaciones y revisión bibliográfica. En este trabajo se utilizan los recuerdos personales del autor, especialmente de los dos documentales producidos por él: Memorias del Cine Argus (2014) y El cine de Seu Duca (2016).

Palabras-chaves: Cine; Memoria; Cine Documental.

Abstract: This research addresses the importance of street movie theater, a space directly linked to the city, to which a mass of people interested was directed not only in the audience of the films but also in the socio-affective experiences that this meeting provided. We investigated the relationship that street movie theater had with society, based on a case study from the memories of former employees and patrons of Cine Argus, in the city of Castanhal, in the state of Pará. Interviews, documentary analysis were carried out from images and periodicals, as well as research and bibliographic review. The author's personal memories are used in this work, especially from the two documentaries produced by him: Memories of Cine Argus (2014) and The Cinema of Mr. Duca (2016).

Keywords: Movie Theater; Memory; Documentary Film.

[1] Graduado em Pedagogia e Cinema e Audiovisual; especialista em Educação para as Relações Etnicorraciais e Mestre em Desenvolvimento Rural pelo IFPA, onde trabalha como Técnico em Assuntos Educacionais. E-mail: edivaldo.cinema@gmail.com
[2] Bacharel em Administração de Empresas, especialista em Gestão Estratégica de Marketing, Mestre e Doutor em Artes (PPGARTES/UFPA). E-mail: antonio_moreira@yahoo.com.br

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

ENTRANDO NO CINEMA...

Foi o acúmulo de experiências e descobertas da humanidade no tocante ao registro visual de sua realidade, ao longo da história, que possibilitou a criação do cinema como o conhecemos, na última década do século XIX. A invenção das imagens animadas encantou plateias em várias partes do mundo, se tornando uma das maiores novidades do ocidente industrializado. Na década que se seguiu às primeiras exibições públicas, o cinema se firmou enquanto uma das principais opções de entretenimento e um dos mais importantes veículos de comunicação de massa.

Nas primeiras décadas do século XX, os filmes deixaram de ser predominantemente exibidos em espaços alternativos como cafés e vaudevilles para ganhar salas de projeção própria, com centenas de lugares, telas enormes e, por vezes, majestosa arquitetura. Os cinemas, desde aqueles localizados em bairros nobres como os criados nas periferias das cidades, se tornaram um espaço de encontro, de formação cultural e de celebração à arte cinematográfica.

Falamos do cinema enquanto espaço diretamente ligado à cidade, ao ambiente urbano, para o qual se dirigia uma massa de pessoas interessadas na audiência dos filmes como também nas vivências socioafetivas que esse encontro propiciava. Aquilo que se convencionou, muito mais tarde, a se chamar de “cinema de rua”, expressão cunhada em contraposição à proliferação de salas de exibição menores e localizadas dentro de shoppings centers, configuração esta que já não tinha a mesma relação com o espaço urbano de outrora, tampouco a mesma perspectiva de encontro e criação de laços de sociabilidade entre os espectadores.

Esta pesquisa investiga a relação que o cinema de rua constituiu com a sociedade, enquanto agenciador de vivências socioculturais e propulsor de memórias afetivas, com base em estudo de caso realizado a partir das memórias de ex-funcionários e frequentadores do Cine Argus, cinema de rua que funcionou na cidade de Castanhal, no estado do Pará, entre os anos de 1938 à 1995.

Utilizou-se as pesquisas de campo realizadas pelo autor desde 2012, com grande emprego da história oral. Foram realizadas entrevistas, análise documental a partir de imagens e periódicos, bem como pesquisa e revisão bibliográfica. As memórias pessoais do autor, também ex-frequentador do Cine Argus, são utilizadas neste trabalho, especialmente a partir dos dois documentários produzidos pelo mesmo: Memórias do Cine Argus (2014) e O Cinema de Seu Duca (2016).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

ERA COMO SE FOSSE UM AMBIENTE SAGRADO

O cinema de rua não consistia somente em uma sala de projeção. Ao contrário, exercia outras funções que reuniam diversos grupos sociais. Muitos desses cinemas apresentavam os chamados espetáculos de palco e tela, sendo conhecidos como cine teatros. Havia uma alternância entre exibição cinematográfica e atrações diversas, como orquestras, shows, peças teatrais e concertos. O cinema era "um espaço privilegiado de encontros entre indivíduos, filmes e demais aspectos de diversas ordens estéticas, materiais e imateriais e sua sala de exibição, o local especial para a tessitura de laços de sociabilidade e práticas socioculturais, afetivas e midiáticas" (FERRAZ, 2017, p. 112).

Nesse sentido, o cinema de rua não se restringia a uma função comercial, a exemplo do que ocorre com as salas de exibição localizadas em shoppings centers. Havia um propósito sociocultural e afetivo que não o limitava à perspectiva do consumo. Para Eva Dayna Carneiro,

> [...] o ato de assistir a um filme era apenas uma parte do ―ritual‖ de frequentação dos cinemas. Para os espectadores, o cinema era um espaço de interação social, um espaço para se flertar, fazer negócios e ainda de conexão à vida moderna (CARNEIRO, 2011, p. 94).

Em diversos lugares ao redor do mundo, as memórias que os espectadores evidenciam do cinema que frequentavam se confundem com suas histórias pessoais e com a história da localidade onde se situava o cinema, em uma espécie de engajamento coletivo pela preservação da memória de ida ao cinema (e, algumas vezes, pela restauração desse espaço), o que carrega "uma intensa evocação emotiva e afetiva relacionada à falta que os equipamentos de exibição fazem ou poderiam fazer na vida das pessoas" (FERRAZ, 2017, p. 124).

A experiência de ir ao cinema é retratada como um ritual. A própria arquitetura de muitos cinemas, por vezes majestosa e evocando um templo, criava uma áurea em torno dessa experiência, que se iniciava bem antes da exibição. A expectativa de ir ao cinema, a saída com os amigos e parentes, o encantamento provocado pelos cartazes dos filmes, as músicas preliminares à projeção, o cheiro da pipoca e de outras guloseimas, o encontro com conhecidos na fila, o adentrar o hall de entrada, a contemplação dos detalhes arquitetônicos, o abrir das cortinas e o apagar das luzes criava uma atmosfera que remetia a uma espécie de culto.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

O professor Walber Pereira, afirma que ir ao Cine Argus com seu pai e amigos nas tardes de sábado e domingo era como adentrar "um ambiente sagrado, sacralizado. Aquelas fechadas de janela, antes de começar o filme, faziam troc, troc, troc. As janelas iam fechando e aquela emoção ia chegando [...] Quando escurecia a sala, era uma animação, era uma gritaria" (Walber Pereira, entrevista em 09/08/2014).

Annette Kuhn, Daniel Biltereyst e Philippe Meers (2017), em seus estudos sobre cinemagoing memories (memórias sobre a ida ao cinema), enfatizam o caráter de coletividade que a experiência de ir ao cinema evocava no público. A imersão fílmica era compartilhada entre os espectadores, a partir dos laços de sociabilidade que o cinema de rua proporcionava, a tal de ponto desses espectadores, no relato de suas memórias sobre a ida ao cinema, utilizarem mais o pronome "nós" do que o pronome "eu".

> [...] as memórias do ato de ir ao cinema são expressas de modo mais coletivo do que individual ou pessoal – os informantes tendem a se incluir nos eventos que recordam utilizando mais a expressão "nós" do que "eu": a recorrência dessa expressão confirma um persistente senso de recordação de experiências compartilhadas, o que sugere que os informantes associam suas idas ao cinema com a sociabilidade e com a pertença a determinados grupos familiares, culturais ou sociais (KUHN; BILTEREYST; MEERS, 2017, p. 7. Tradução do autor).

Ferraz (2014) salienta que esses relatos revelam muito mais do que lembranças sobre a experiência de assistir aos filmes. Nos depoimentos, há grande ênfase nas rememorações do ato de ir ao cinema, ligadas "a afetividades e sensações em torno das práticas de consumo audiovisual efetuadas no passado" (FERRAZ, 2014, p. 1-2), o que comprova que o ato de ir ao cinema de rua evocava uma experiência ao mesmo tempo particular e coletiva, que iniciava com a expectativa pela sessão e se estendia até as animadas conversas pós-projeção que a imersão fílmica suscitava.

Essas rememorações com foco na vivência compartilhada da ida ao cinema de rua são relatadas em pesquisas realizadas em diversos países, abrangendo grandes e pequenas cidades, centros urbanos e bairros periféricos. Kuhn, Biltereyst e Meers (2017) se reportam a estudos feitos na Itália, Austrália, Reino Unido, República Theca, África do Sul, Brasil e na fronteira entre México e Estados Unidos para expor similaridades nas experiências de ir ao cinema em todo o mundo. Não à toa, a história de Alfredo e Toto em Cinema Paradiso (GIUSEPPE TORNATORE, 1988) foi recebida com tamanha identificação e empatia, que espectadores dos mais variados lugares rememoraram os cinemas de rua que marcaram suas vidas. O filme

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

suscitou as memórias do Cinema Paradiso que muitos tiveram em suas localidades. Não foi diferente no Pará.

CINEMAS DE RUA NO PARÁ

Segundo Pedro Veriano (1999), o mérito pela abertura das primeiras salas de cinema de Belém é conferido a Joaquin Llopis, ao qual é atribuído a criação dos cinemas Politheama e Odeon, antes teatros que tiveram seus espaços utilizados para a realização de exibições cinematográficas. Llopis era um industrial da borracha que acreditou tanto no potencial do cinematógrafo que resolveu mandar chamar o cinegrafista Ramon de Baños na Espanha, a fim de que este supervisionasse suas salas.

Entre o período de 1908 a 1912, houve a construção ou adaptação de espaços próprios para abrigar as exibições cinematográficas. Os empresários locais começaram a perceber que a criação de salas fixas de exibição era um empreendimento promissor, tendo as exibições de filmes um custo operacional bem menor do que os espetáculos de ópera, que era uma atração bastante recorrente. Nesses primeiros anos do século XX, havia pouco aluguel dos filmes. A prática mais recorrente era a venda ou troca de cópias. Após a exibição, os filmes eram revendidos para outros cinemas, principalmente do interior do estado (COSTA, 2015).

No início dos anos 20, a capital paraense já possuía 12 cinemas funcionando em prédios próprios. Eram salas simples. Às vezes, um lençol esticado como telão, poltronas de madeira ou bancos corridos e projetores simples, sendo considerados cinemas de bairro (VERIANO, 1999). Os empresários locais começaram a perceber a necessidade de construir salas de cinema mais adequadas às classes sociais mais abastadas de Belém, o que requeria investimento em salas maiores, mais modernas e confortáveis (COSTA, 2015).

O primeiro cinema de Belém a ser considerado um cinema de luxo foi o Cine Olympia, inaugurado no ano de 1912 por Antônio Martins e Carlos Augusto Teixeira, que também eram os proprietários do Grande Hotel e do Palace Theatre. Os três empreendimentos ficavam nas proximidades um do outro, na Praça da República, constituindo um ponto de encontro da elite belenense. As classes menos favorecidas continuaram frequentando os cinemas de bairro, que tinham pouquíssimo conforto e preços mais acessíveis. Segundo Eva Dayna Carneiro (2011), a sofisticação de elementos como assentos, ventilação e iluminação determinavam a composição do público e auxiliavam na recepção dos filmes em cinemas de luxo, como o Olympia.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Duas empresas administravam salas de cinema em Belém nos anos 30 e 40. A Teixeira & Martins (que mais tarde se tornaria Cinematographica Paraense Ltda) possuía os cinemas Olympia, o mais sofisticado dentre eles, e cinemas de bairro como o Iracema, Guaraci, Íris, São João, Éden, Ideal, Popular e Poeira, estes dois últimos situados em Nazaré. O Odeon, de Joaquin Llopis, passou a fazer parte do circuito Teixeira & Martins. E a empresa Cardoso & Lopes explorava as salas dos cinemas Moderno, Independência, Universal e Rex (que depois veio a se chamar Vitória).

Cinemas abriam, fechavam, mudavam de nome e de dono. O ramo da exibição cinematográfica se expandia no estado. Em 1959, o Grupo Severiano Ribeiro inaugurou o Cine Palácio, que viria a ser conhecido como o cinema mais luxuoso de Belém. Àquela altura, o grupo já era proprietário de outros cinemas belenenses, dentre os quais estava o Cine Olímpia, que passou por um processo de modernização (VERIANO, 2006).

Em 1961, o Cine Ópera iniciou suas atividades, na Avenida Nazaré, onde funciona até os dias atuais, se dedicando há décadas à exibição de filmes eróticos. Cine Ópera e Cine Olímpia, portanto, são as duas salas de cinema de rua de Belém que continuam, observadas suas peculiaridades, em atividade. O Cine Olímpia, depois de grande mobilização popular contra seu fechamento, foi tombado pela Prefeitura de Belém e continua funcionando como espaço cultural, com exibição regular de filmes.

Os Cinemas 1 e 2 foram inaugurados em 1978 por Alexandrino Moreira, sob o nome de Cinemas de Arte do Pará. Em 1987, foi inaugurado o Cinema 3. Os Cinemas de Arte do Pará refletiam a tradição de exibição cineclubista de Belém, com grande influência da Associação Paraense de Críticos Cinematográficos (APCC).

Veriano (2006) elenca diversos cinemas de rua existentes no interior do estado, onde podemos destacar as cidades de Santarém (Cine Olímpia e Cinerama), Abaetetuba (Cine Imperador e Natan), Capanema (Cine Palace), Altamira (Cine Bonay), Santa Isabel (Cine Palace), Breves (Cine Yeda), São Miguel do Guamá (Cine São Miguel) e Bragança. Em Bragança, município localizado na região Nordeste do Pará, a 213 km de Belém, há relatos da existência de vários cinemas ao longo de sua história, sendo os principais o Cinema Recreio, que veio a se denominar Cine Avante, e o Cineteatro Kosmos, que posteriormente se tornou o Cine Olímpia e funcionou por décadas até encerrar suas atividades em 1995 (COSTA, 2015).

A influência deste último na vida do menino Manoel Carneiro Pinto Filho (Duca), nos anos 20, seria decisiva para o nascimento do Cine Argus no final da década de 30. Se Duca é o pai do Cine Argus, o Cineteatro Kosmos pode ser considerado o avô.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

MEMÓRIAS DO CINE ARGUS, O CINEMA DE SEU DUCA

Olivier Baudry (2001, apud FERRAZ, 2014) trabalha com os conceitos de "cinema local" e "cinema de bairro" como aqueles que fazem parte do cenário urbano dos espectadores e possuem, em relação a estes, tanto uma proximidade geográfica como psicológica. Por isso, possuem forte ligação afetiva com as histórias de vida de seus frequentadores, os quais estabeleceram muitas relações de sociabilidade em seus anos de vivência do ato de ir ao cinema. Mas, essa relação afetiva com os cinemas também ocorria com as salas mais sofisticadas e localizadas no centro da cidade. Fosse um *movie palace*, um cinema médio ou uma poeira[3], fortes laços sociais se estabeleciam. Como os laços estabelecidos entre o Cine Teatro Kosmos e Manoel Carneiro Pinto Filho.

Nascido em 1918, em Quatipuru (então município de Bragança/PA), o Garotinho Manoel (Duca), perdeu sua mãe aos seis anos. A morte desestabilizou a família e desencadeou uma crise financeira que separou os sete irmãos. Duca passar a morar na casa de um farmacêutico, em frente ao Cine Teatro Kosmos, o qual despertou enorme fascínio no garoto. O dono do cinema, compadecido da criança humilde que acompanhava curioso e encantado a preparação artesanal dos cartazes, deixava o menino assistir aos filmes de graça. Mais do que o encantamento com as imagens projetadas no telão, o que atiçava as fantasias de Duca era o funcionamento do projetor.

> Mas, não é que eu gostasse só de ver o filme na tela, o meu encanto era ver a máquina funcionando (...) eu queria ver por que é que as pessoas andavam. Saber o porquê? Porque ele colocou a fita e tal, movimentava, aparecia lá na tela. Mas, eu olhava pra máquina e não via nada, só via a fita parada (...) E eu perguntava pro operador 'o que é que faz andar, hein?' (Seu Duca em entrevista a Chico Carneiro, 1977)

O fascínio provocado pelo Cine Teatro Kosmos na vida de Duca impulsionou no menino o sonho de ter o seu próprio cinema. O que conseguiria realizar aos 20 anos, quando trabalhava como balconista em um armazém próximo à Estação Ferroviária de Castanhal. O armazém possuía um galpão ao fundo que já havia sido alugado para exibição de filmes, em uma empreitada que não deu muito certo. Por volta de 1938, a situação mudaria com a chegada de Paulo Bezerra Cavalcante à cidade, com um projetor devry semi-portátil e alguns

[3] *Movie palace* denomina cinemas suntuosos, com arquitetura majestosa, telões enormes, muitos e confortáveis lugares, com ingressos mais caros. Os cinemas batizados pelo público de "poeiras" eram salas de exibição bem simples e com ingressos mais baratos, que não ofereciam conforto (FERRAZ, 2008).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

filmes, procurando um local para exibi-los. Paulo e Duca logo fariam amizade e firmariam parceria, revitalizando o galpão. Nascia o Cine Argus.

Paulo Cavalcante pouco tempo depois abandonaria o negócio. Alugando um projetor e conseguindo filmes com exibidores de Belém, Duca prosseguiu o empreendimento, mudando o mesmo para um prédio alugado próximo à Prefeitura de Castanhal. Em 1944, o Cine Argus passou a funcionar em prédio próprio e endereço definitivo (sempre na mesma rua, Avenida Barão do Rio Branco, por onde passava a Estrada de Ferro Belém-Bragança), em um barracão de madeira com frente de alvenaria, com o nome Cine Argus Teatro.

Nos anos 60, entrou em reforma e se modernizou, passando a contar com poltronas no lugar dos bancos corridos de madeira, fachada nova e um prédio todo em alvenaria, onde funcionou até encerrar suas atividades em 1995.

IMAGEM 1 – CINE ARGUS, DÉCADA DE 40.



Fonte: Acervo Família Carneiro.

O Cine Argus ilustra bem o conceito de cinema local. Localizado no centro da cidade de Castanhal, a cerca de 70km de Belém, funcionou durante quase seis décadas, com 550 lugares, pelo que podemos considerá-lo como um cinema de médio porte. E teve imensa ligação com a sociedade castanhalense. É um exemplo de cinema de rua cuja relação entre o prédio do cinema, seu proprietário, funcionários e frequentadores iam para além da dimensão mercadológica, sendo um espaço antropológico fomentador de relações socioafetivas e construtor de identidades.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

"Dificilmente um cinema teve tanta ligação com a sociedade quanto o Cine Argus", conta Amílcar Carneiro, filho de Manoel Carneiro Pinto Filho que trabalhou ao lado do pai e assumiu a gerência do cinema após o falecimento do mesmo em 1982. Amílcar relata a relação que Seu Duca mantinha com a atividade de exibição cinematográfica e os frequentadores do antigo cinema de Castanhal, dizendo que "ele não foi só um comerciante de cinema, ele era um exibidor apaixonado pela profissão" (entrevista em 21/07/2014).

IMAGEM 2 – CINE ARGUS, APÓS A REFORMA (ANOS 60).



Foto: Chico Carneiro (1967).

O economista Pedro Carneiro, outro filho de Duca, fala da preocupação que o pai tinha em deixar os espectadores felizes com a experiência de ir ao cinema, ao afirmar que "ele gostava que o público ficasse alegre, que o público se divertisse, não saísse achando que o filme não era bom" (entrevista em 21/07/2014). A relação para além da dimensão comercial que o exibidor mantinha com os frequentadores do Cine Argus também é relatado pelo balconista Paulo Sérgio, um dos garotos que frequentava o cinema na década de 70 e que lembra que Seu Duca costumava deixar entrar no cinema crianças que não tinham dinheiro para comprar ingressos, mesmo comportamento que o dono do Cine Teatro Kosmos adotava com Duca, quando este era menino. "Quando ia começar a sessão, ele chegava lá na frente, aí tinham aqueles garotos que iam lá, mas não tinham dinheiro, né? Aí, ficavam encostados por ali... Ele olhava e dizia "Tu. Entra. Pode entrar". Ele fazia muito isso" (Paulo Sérgio, entrevista em 09/02/2016).

Essa relação entre Duca e o público refletia a própria relação entre o Cine Argus e a cidade de Castanhal. A história do município e do cinema se entrelaçam. Para além de uma simples sala de projeção, o espaço do Cine Argus possuía outras funções. Ponto de encontro

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

da juventude castanhalense, era o local ideal para encontrar os amigos, namorar e, é claro, assistir filmes. Mas, outras programações sociais e culturais ocorriam ali, como lembra Arquimimo Cardoso, frequentador e vizinho do cinema, que lembra do Argus como um "espaço multiuso, pois tinha um palco e durante muito tempo ele foi o único auditório da cidade, sendo utilizado para vários eventos, como convenções partidárias, bailes de carnaval, cerimônia de formatura, show musical, teatro, show de calouros". Os desfiles de 7 de setembro aconteciam na Avenida Barão do Rio Branco, e o palanque das autoridades ficava em frente ao cinema, fazendo uso de seus autofalantes (Arquimimo Cardoso, entrevista em 16/01/2015).

Autofalantes que, além de anunciar os filmes, serviam para veicular notícias, notas de falecimento, recados e manchetes dos jornais que chegavam da capital através da Maria Fumaça, transmitir jogos e tocar músicas. O radialista e jornalista Moacir Silva, pintor de cartazes e dono de uma das vozes que veiculavam informações por meio dos autofalantes do Cine Argus, lembra que antes do início das sessões tocava sempre a mesma música, o *Conserto de Varsóvia*, anunciando aos espectadores que o filme já iria ser exibido.

> O pessoal ficava ali em frente ao cinema, em cima do trilho do trem, escutando as músicas, conversando, até começar a sessão. E tinha uma música que era a última da programação, quando já era para começar o filme. Essa música, quando tocava, todo mundo descia do trilho e começava a entrar no cinema. A gente chamava de "a última". Até quem tivesse mais distante e tivesse caminhando pra lá, apressava os passos pra chegar logo, que sabia que ia começar a sessão (Moacir Silva, entrevista em 05/09/2014).

Os gêneros exibidos foram os mais variados. Mas, um dos de sucesso mais duradouro foram os filmes de faroeste. Professor Adalberto Filho relata que as semelhanças de Castanhal com os cenários dos westerns exibidos no Cine Argus favoreceram a popularização desse gênero cinematográfico na cidade.

> A gente tinha uma cidade muito parecida com aquilo, porque tinha uma estação ferroviária, tinha o trem, tinham os agricultores que traziam seus cavalos nos dias de feira e deixavam esses cavalos amarrados próximos de casa. Então, aquela estrutura de pau, aquela madeira com a trava em que amarravam os cavalos perfilados um do lado do outro, parecia os filmes de faroreste, parecia um saloon, né. Então, a gente tirava esses cavalos, ia cavalgar com eles. Eu levei até umas quedas de cavalo por causa dessas brincadeiras (Adalberto Filho, entrevista em 21/08/2014).

Amílcar Carneiro também relata a enorme influência que o Cine Argus exercia no cotidiano da cidade, ressaltando como o cinema marcou a infância dos castanhalenses.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> No meu tempo de infância tudo, ou quase tudo, o que se fazia ou comentava na cidade era em função do cinema. Quando havia uma grande estreia programada, era comum ouvir o rumor das pessoas, sobre o filme que ia passar sobre os atores etc. Mas, o melhor da estréia dos grandes filmes era o dia seguinte, quando nossas brincadeiras, no quintal ou na rua, acompanhavam o gênero dos filmes. Se era capa e espada lá íamos atrás de varas e ripas para fabricar espadas. Filme de Robin Hood? No outro dia todo mundo de arco e flecha na mão. Pena de galinha para as flechas não era problema, a corda do arco se fazia com embira de malva. Filme de Tarzan? Não faltavam árvores no quintal pra fazer uma boa casa. Mas o grande campeão de imitações era o filme de faroeste, todos queriam ser Roy Rogers, Gene Autry ou Rocky Lane, eu gostava mais do Rex Allen, único cowboy que usava o revolver no coldre com o cabo pra frente. Vassouras velhas eram valorizadas, viravam cavalos, com sela, rédea e tudo mais que um alazão precisa para ser bem domado, corríamos livres pelas ruas montando Triger, Ko-ko, Beleza Negra, Silver, Tornado e outros cavalos famosos (Amílcar Carneiro, em crônica publicada no blog Memórias do Cine Argus, 24/06/2016).

A programação do Cine Argus era bastante diversificada, prestigiando outras cinematografias além da americana, como foi o caso dos cinemas italiano, japonês e francês. Além é claro, dos filmes nacionais. No cinema nacional, destaque para as chanchadas e os filmes dos trapalhões. No italiano, os *westerns spaghetti*. No francês, filmes que popularizaram estrelas como Alan Delon, Brigitte Bardeau e Charles Bronson. Já o cinema japonês é um capítulo especial da história do Argus.

Em um período no qual Seu Duca estava com muita dificuldade financeira para conseguir filmes, ele foi procurado por representantes da Associação Nipobrasileira, que queriam firmar parceria com o Cine Argus para exibir produções nipônicas para a colônia japonesa existente em Castanhal. A partir de então, os filmes japoneses passaram a ser exibidos nos dias de quinta-feira, mas não somente para esse público específico, pois a população resolveu apreciar o cinema japonês. A exibição de filmes japoneses no Cine Argus impulsionou as trocas culturais entre os castanhalenses e os colonos japoneses. A socióloga Fátima Carneiro, filha de Seu Duca, recorda: “eu achava lindo, emocionante ver tratores estacionados em frente à porta do cinema nas noites de projeção do cinema japonês. Pra mim, era a presença da cultura japonês em Castanhal” (Fátima Carneiro, entrevista em 09/02/2016).

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a economia movimentada pelo mercado informal que se formava ao redor do Cine Argus por ocasião das exibições. Fazem parte das recordações afetivas dos frequentadores do Cine Argus a venda de guloseimas antes e após as sessões, bem como a troca de gibis, com destaque para o arroz doce vendido em canecas de leite moça de Dona Zefinha e outros quitutes, como ilustrado por Arquimimo Cardoso:

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> A economia informal defronte o cinema era muito pitoresca. Tinha vendedor de croquete. Tinha o senhor Nelson, que vendia amendoim. Tinha um tacho de cobre que ele fazia amendoim com Nescau, com chocolate, castanhal do Pará, aí ele pegava um pedaço de pau assim, enrolava no papel de seda, passava cola, tirava, ficava aquele saquinho, né, e ele enchia aqueles grãos de amendoim caramelizado, e vendia na porta do cinema [...] minha tia avó fazia balas de coco (Arquimimo Cardoso, entrevista em 16/01/2015).

É muito recorrente nas falas dos espectadores do Cine Argus as memórias relacionadas ao filme mais exibido de todos os tempos no cinema de Seu Duca. *A Vida e Paixão de Cristo*, de Ferdinand Zecca e L. Nonguet, produção francesa de 1903, era exibido com grande sucesso todos os anos, por ocasião da semana santa. O empresário e ex-sorveteiro do Cine Argus, Éldio Sena, relembra que "fazia parte do nosso costume ir para as celebrações da missa na semana santa e, ao sair, ir para o Cine Argus ver o filme Paixão de Cristo" (Éldio Sena, entrevista em 09/08/2014).

Segundo Amílcar Carneiro, na Sexta-Feira Santa chegavam a ser exibidas cinco sessões, motivo pelo qual Seu Duca chamava o sucesso de bilheteria desse filme como "o maior milagre de Cristo". O sucesso não se restringia ao Cine Argus, mas a todo o circuito de cerca de 30 cinemas no interior do Pará e em estados vizinhos criado por Seu Duca para garantir a sobrevivência de seu empreendimento, em um dos capítulos mais emblemáticos de sua história e da história do Cine Argus.

Duca negociava os filmes para serem exibidos em seu cinema diretamente com o Grupo Severiano Ribeiro, em Belém. Contudo, por volta do final dos anos 60, a empresa cortou a distribuição para o interior do estado e, com isso, provocou o fechamento de várias salas. Para não ver seu cinema sucumbir, Duca viajou até Recife, onde estavam localizadas grandes distribuidoras, e passou a negociar diretamente com elas o aluguel dos filmes. Era necessário dividir o aluguel com outros cinemas, para que o negócio prosperasse. Por isso, Duca passou a estimular a abertura de salas fechadas ou arrendá-las. Adquiriu equipamentos de cinemas do sudeste do Brasil que estavam fechando frente à concorrência com a televisão. Os anos 70 foram um período áureo para o recém-criado circuito da Empresa Argus. O menino curioso que queria ter um cinema agora tinha mais de 30, em cidades como Abaetetuba, Santa Izabel, Breves, Capanema, Bragança, Tucuruí, Imperatriz/MA e Macapá/AP, e em grandes projetos como Jari e Serra Pelada.

A administração do circuito envolvia grandes desafios e peripécias por parte do agora exibidor e distribuidor Duca. Segundo Talitha Ferraz (2008), havia cinemas lançadores, que faziam a estreia dos filmes, e os cinemas que aguardavam as fitas saírem da programação dos

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

lançadores para poder incluí-las em suas programações. Alguns desses cinemas eram mais dedicados a reprises. Geralmente, os filmes chegavam nos lançadores primeiro e, só depois, percorriam os demais cinemas. Às vezes, uma única cópia era exibida em mais de um cinema simultaneamente, sendo adotada a estratégia de transportar os pedaços de um filme (latas) de um cinema para o outro ao longo da projeção. Essa estratégia foi adotada por Seu Duca para exibir a mesma fita de A Vida e Paixão de Cristo no Cine Argus e no Cine Palace em Santa Isabel, cidade a 30 km de Castanhal.

> Nós tínhamos apenas uma Paixão de Cristo, a fita da Vida de Cristo, pra passar em dois cinemas, Castanhal e Santa Isabel. Aí... como resolver essa questão? Foi um risco muito grande. A fita foi dividida em duas partes. Começou aqui, às sete e meia. E lá ficou marcado para oito e meia, a sessão em Santa Isabel. Termina a primeira parte aqui [...] desce com aquela fita, bota no carro e meu irmão zarpa pra Santa Isabel com aquela parte. Chega lá, entrega e volta pra pegar a segunda. Quando chegou aqui, tava terminando a segunda parte. Volta pra Santa Isabel. Chegou em Santa Isabel exatamente na hora, no minuto que ia terminando a primeira... Deu tudo certo, pra encurtar a história deu tudo certo. Mas, imagina um pneu furado nessa trajetória! Era o bastante pra ter um quebra-quebra lá. Cinema superlotado! (Amílcar Carneiro, entrevista em 21/07/2014).

Nos anos 80, se inicia a exibição de filmes pornográficos no Cine Argus, com o filme *Império dos Sentidos*, de Nagisa Oshima, causando enorme agitação na cidade. Decisão controversa, dividiu opiniões na população e afastou uma parcela de espectadores mais religiosos. Mas, o público atraído pela novidade dos "filmes impróprios para menores" suplantava e muito esse afastamento. Tanto que os filmes pornôs ganharam dois dias exclusivos de exibição: às terças e quartas-feiras. E nos últimos anos do Cine Argus deram uma sobrevida a mais ao cinema de Castanhal. Não fossem por eles, é provável que o Argus tivesse fechado suas portas antes mesmo de 1995.

THE END

> O final do Cine Argus foi um sentimento de vazio. Por que esse sentimento de vazio? Porque se você olha o Cine Argus só enquanto um cinema, uma sala de projeção, aí você pode dizer assim 'não, mas eu tenho o videocassete'. Mas, o Cine Argus não é só essa sala, não foi só essa sala de projeção (Éldio Sena, empresário, entrevista em 09/08/2014).

Durante toda a primeira metade do século XX, o cinema se configurava como a única opção para se ver filmes. As filas dobravam o quarteirão, especialmente nas estreias. Deixar de ir assistir a determinado filme no cinema significava possivelmente aguardar uma longa

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

espera até ele voltar a entrar em cartaz (as reprises eram muito comuns) ou ter que ir a outro cinema onde o filme ainda estivesse sendo exibido. A sessão de cinema era um acontecimento na cidade que o espectador não podia perder, sob o risco de ter que se conformar em ouvir os amigos comentando o sucesso do filme, enquanto amargurava o fato de não ter presenciado a exibição.

No entanto, a partir da segunda metade do século XX, outras janelas de exibição apareceriam, dividindo o monopólio antes exercido pelos cinemas de rua na projeção dos filmes. A primeira delas foi a televisão, com a inauguração da Tv Tupi, em São Paulo, em 1950, primeiro canal televisivo do país. Nos anos seguintes, diversas outras emissoras foram criadas e, nos 70, o televisor já havia se popularizado no Brasil, inclusive na versão a cores. Com isso, o espectador passou a contar com a possibilidade de assistir em casa aos filmes que entravam na grade das emissoras, o que diminuiu o público dos cinemas e ocasionou o fechamento de várias salas.

Mas, o pior viria com o segundo ciclo da crise dos cinemas de rua, protagonizado pelo home vídeo a partir da criação do videocassete na segunda metade dos anos 70 e de sua popularização nos anos 80. O videocassete revolucionou o mercado audiovisual, uma vez que o espectador passou a possuir a oportunidade de escolher o filme de sua preferência e assistir na segurança e comodidade de sua casa. Ou até comprar o filme em VHS7, opção impensável para os enormes rolos de película que circulavam nos cinemas. Freire e Zapata (2017) relatam que na década de 80 o tamanho do circuito exibidor voltou aos patamares da década de 30, quando vários cinemas haviam fechado por conta da necessidade de equipar e modernizar as salas para atender aos novos padrões exigidos pelo cinema sonoro.

As videolocadoras se multiplicaram rapidamente, dando a possibilidade aos clientes de alugar não somente filmes antigos, mas também os lançamentos, opção esta na maioria das vezes inviável aos cinemas de rua do interior, para os quais as películas dos sucessos mais recentes demoraram muito a chegar. Sem condições de concorrer com o avanço das videolocadoras, a maioria dos cinemas de rua fecharam suas portas, por falta de público, ao longo dos anos 80 e 90. A começar das grandes cidades, onde o VHS se popularizou primeiro, até chegar às menores. Amílcar Carneiro relata que, no caso do Cine Argus, a popularização do videocassete ocorreu após o falecimento de Seu Duca, no início dos anos 80.

> Em 82, quando meu pai morreu, coincidentemente começa a comercialização do VHS, né? Do videocassete. E aí eu mesmo dizia 'não, o videocassete não vai substituir o cinema'. As locadoras, você pra se inscrever, se cadastrar numa

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> locadora, pagava uma fortuna. Logo, logo você se cadastrava de graça. Então, foi crescendo muito rápido (Amílcar Carneiro, em 21/07/2014).

Muitos cinemas de rua conseguiram se manter por mais um tempo com a exibição de filmes pornôs, para um público predominantemente masculino e bastante específico. Uma forma um tanto deprimente de encerrar a atividade de salas de exibição em cujas telas foram exibidos grandes clássicos do cinema. Mas, mesmo essa alternativa se esgotaria anos depois. Nos anos 90, muitos cinemas de rua do interior que ainda resistiam, fecharam suas portas. A arquitetura similar a um templo, própria de muitos cinemas de rua, fez com vários deles virassem igrejas evangélicas, como o caso do Cine Argus e do Cine Palácio (Belém). Poucos conseguiram chegar aos anos 2000.

O fechamento dos cinemas de rua ocorreu em um contexto de grande crescimento e reconfiguração do espaço urbano das cidades, sendo alternativamente dado início à importação de modelo de instalação de salas de cinema multiplex dentro dos recém-inaugurados shoppings centers, processo este iniciado no eixo Rio-São Paulo nos anos 80. Esse modelo, procedente dos Estados Unidos, teve grande expansão nos anos 90, inicialmente nas maiores cidades, e posteriormente foi estendido a cidades menores a partir dos anos 2000. Segundo Aranha, Lima e Silva (2013), o cinema multiplex visava atender a um novo perfil de público, que exigia maior conforto e segurança, e a novos padrões de consumo, possibilitando o que os autores chamam de combo de entretenimento: nessa nova relação o espectador já não se dirigia só ao cinema, mas o encontrava em um menu de opções disponibilizadas no espaço do shopping center: praça de alimentação, lojas, supermercado, caixa eletrônico, parque de diversão e cinemas.

> Depois do surgimento do conceito do multiplex nos EUA, as salas de exibição nunca mais seriam as mesmas. A principal característica destas salas pode ser resumida no trinômio: qualidade, conforto e modernidade, que atende as expectativas de um novo público. Este público que usa os celulares mais modernos e computadores de última geração quer a melhor exibição cinematográfica disponível no mercado, assim como o melhor design do espaço, capaz de proporcionar o que há de melhor em conforto de poltronas e climatização, além de outras oportunidades de consumo simultâneos (ARANHA; LIMA; SILVA, 2013, p. 8).

José Inácio de Melo Souza (2013) apresenta dados da consolidação dos cinemas multiplex no Brasil entre os anos 90 e início dos anos 2000. A rede norte- americana Cinemark, que havia chegado ao Brasil em 1997, já possuía 508 salas de exibição em 2013, em 64 complexos, o que equivale a uma média de 8 salas por shopping center. Isso

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

demonstrava outra novidade trazida por esse novo modelo de circuito de exibição, pois o espectador agora tinha à disposição, em um mesmo espaço, diversas salas menores, com várias opções de filmes para assistir. O Grupo Severiano Ribeiro, empresa de capital nacional atuante na distribuição e gerenciamento de salas de cinema desde 1915, possuía sua rede Kinoplex com mais de 200 salas em 2013, enquanto a mexicana Cinépolis, a UCI Cinemas e a Playarte tinham, respectivamente 190, 153 e 59 salas. Souza salienta que, dessa forma, com o desaparecimento dos cinemas de rua e a criação do cinema multiplex, houve não só a descaracterização da imagem autônoma que o cinema de rua possuía como também o domínio do mercado exibidor pelas majors estrangeiras, "deixando os nacionalistas saudosos do tempo em que somente a Metro se aventura em ter cinemas no Brasil" (SOUZA, 2003).

> Na esteira das mudanças ocorridas no setor da exibição, fatores como a entrada de empresas de capital estrangeiro e a implantação de um novo modelo de organização das salas, a mudança nos hábitos de consumo de cinema e a crescente modernização do parque tecnológico aumentaram a distância entre os grandes empreendedores da exibição (empresas multinacionais e alguns exibidores de capital nacional) e os pequenos exibidores, que invariavelmente mantêm cinemas 'de rua' por tradição familiar e tiveram que disputar o mercado em áreas menos atrativas (ANCINE, 2011, p. 34).

Essa nova configuração de salas de cinema como um espaço totalmente desvinculado da rua, descaracteriza o estabelecimento das relações socioafetivas que era propiciado pelos antigos cinemas. O domínio do mercado exibidor por transnacionais estrangeiras promoveu o distanciamento entre os exibidores e o público, que não cria vínculo com essas salas de exibição.

A integração dos cinemas multiplex dentro de shoppings centers tirou a autonomia que o cinema possuía quando funcionava em prédio próprio, retirou a áurea que dava ao ato de ir ao cinema um caráter "sagrado", distanciou a relação entre exibidor e público, desvalorizou a importância da experiência coletiva de apreciação de um filme e, assim, fez com que o espectador perdesse suas características originais (afastando muitos cinéfilos, inclusive) para se tornar apenas mais um cliente do shopping center.

> Muitas pesquisas de campo se debruçaram justamente para conhecer o novo público deste novo cinema, que não fazia mais parte do antigo congraçamento familiar e geracional, mas cujos motivos se dividiam entre o lazer (ida ao shopping e ao cinema, nem sempre como atividades combinadas), o social (o encontro com o grupo de amigos em que o cinema é uma das possibilidades) e o cultural e informativo (a parcela mais erudita das classes médias que viam no cinema um artefato artístico). Dentro da lógica capitalista de um mercado modernizado, o

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> espectador ou o cinéfilo perdeu as suas qualidades originais para se transformar em outro tipo de "cliente" do shopping, objeto a ser estudado e classificado nos seus hábitos e interesses de consumo. O conhecimento do "cliente" é que fornece os filtros necessários para as diretrizes de desempenho da sala de cinema, isto é, quais filmes podem ser agendados para determinado cinema, situado num shopping específico, dentro de uma área delimitada do espaço urbano (SOUSA, 2003).

A esse respeito, Aranha, Lima e Silva (2013) classificam os cinemas multiplex na categoria de não-lugar, conceito que se refere a espaços produzidos pela modernidade caracterizados pela circulação acelerada de pessoas e bens e por não favorecerem o estabelecimento de laços de sociabilidade entre os frequentadores. A padronização desses espaços contrasta com a individualidade dos cinemas de rua, que são espaços antropológicos que geram identidades e promovem a relação entre o lugar e as pessoas que frequentam e trabalham no mesmo.

> Os cinemas multiplex são exatamente assim. Os espectadores que esperam na fila da bilheteria ou na fila da bomboniére, ou mesmo os que circulam pelo hall do cinema, não se conhecem, não se falam e mantém distância uns dos outros. Mesmo no momento em que estão extremamente próximos, como nas poltronas uma ao lado da outra na sala de exibição, é inviável começar uma conversa – tendo em vista que se adentra a sala apenas quando o filme está próximo de começar. Alguns estão ali toda semana, outros uma vez por mês, já outros apenas uma vez ao ano. Há também os que estão ali pela primeira vez. Mas, a maioria deles não vai ao cinema a fim de conhecer novas pessoas [...] A própria configuração do espaço não favorece a aproximação. O hall amplo, sem locais para sentar, apenas com guias que delimitam a ordem das filas, não é convidativo a uma conversa [...] definitivamente, o cinema multiplex, não é um lugar fomentador de novas amizades (ARANHA; LIMA; SILVA, 2013, p. 12).

Em 2008, treze anos após o fechamento do Cine Argus, foi inaugurado 3 salas de exibição da Moviecom no Yamada Plaza em Castanhal, com capacidade para 201, 203 e 257 lugares, que funcionam até os dias atuais. Ademar dos Santos, projecionista e técnico do Cine Argus, ressalta importantes diferenças entre assistir a um filme em um cinema de rua, em casa e nos cinemas de shopping center, do ponto de vista da experiência da imersão e dos estabelecimentos de laços socioafetivos.

> Você aluga um filme, assiste em casa, compra um filme e assiste em casa sossegado. Mas, não é aquela imensa tela panorâmica, cinemascope, que o cabra... passava uma diligência no faroeste, você acompanhava com a vista. Hoje, é nessas televisãozinhas, ainda que seja LED sessenta polegadas, essas coisas... mas não é como um cinema. Além disso, era um ponto de encontro também. Tinha todas essas características, essas vantagens, e é uma pena não ter mais, muita gente se lembra com saudade, porque além de diversão, era ponto de encontro, pra namorar, essas

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> coisas todas. E projeção dessas salas de shopping não é como o cinema, não é. (Ademar dos Santos, entrevista em 09/08/2014).

Há um claro distanciamento entre os espectadores e entre estes e a sala de cinema na configuração padrão estabelecida pelo modelo multiplex. A colocação do cinema dentre o rol de atrações presentes nos shoppings centers rompeu com a relação socioafetiva propiciava pela experiência do ir ao cinema de rua e a substituiu por uma relação fria e mercadológica entre os espectadores e as salas de exibição, deixando em um mundo cada vez mais distante e perdido na memória as lembranças dos laços de sociabilidade existentes entre os diferentes atores ligados pela experiência da exibição nos cinemas de rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após 57 anos de funcionamento, o Cine Argus encerrou suas atividades em 1995, no contexto do fechamento da ampla maioria dos cinemas de rua em todo o mundo, por conta especialmente da popularização da televisão e do VHS. É lamentação comum de vários entrevistados que à época o poder público municipal não tenha tomado a iniciativa de transformar o Cine Argus em um espaço cultural, evitando assim o encerramento de suas atividades, a exemplo do que foi feito com o Cine Olímpia em Belém. Entretanto, não houve mobilização popular nesse sentido em Castanhal. O próprio autor desta pesquisa, lembra com nitidez de sua primeira e inesquecível sessão no Cine Argus, em uma tarde de domingo nos idos de 1991, mas não consegue lembrar do último filme assistido no cinema de Seu Duca. Estávamos encantados com o videocassete. Algumas coisas na vida só tendemos a valorizar depois que a perdemos. Muito depois. O tempo nos revela a importância histórica das coisas.

Embora a geração dos últimos 25 anos não tenha conhecido o Cine Argus, é incrível notar como a existência desse cinema em Castanhal foi tão marcante na formação cultural das gerações anteriores e ainda suscita tamanhas lembranças socioafetivas em seus antigos frequentadores, que suas memórias são capazes de contagiar mesmo aqueles que não tiveram a chance de conhece-lo. Em 2016, na noite de estreia do filme *O Cinema de Seu Duca* (resultado do projeto de transformação do curta-metragem *Memórias do Cine Argus* em longa-metragem, aprovado no IV Prêmio PROEX de Arte e Cultura da UFPA), a exibição do filme ao ar livre, em plena Avenida Barão do Rio Branco, em frente ao prédio onde funcionou o Cine Argus, reuniu cerca de 2 mil pessoas, das mais diversas gerações. Idosos, adultos, jovens e crianças.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

As referências utilizadas por nossa comissão organizadora foram várias, desde a realização de propaganda volante do filme ao longo do dia (carro som percorrendo a cidade para anunciar a exibição, estratégia muito utilizada ao longo da história do Cine Argus), a colocação de cartazes de filmes do Cine Argus em frente ao prédio do cinema (do acervo pessoal do ex-frequentador Marcos Jatene), a venda de arroz doce e, é claro, a reprodução do *Conserto de Varsóvia* antes do início do filme. Tudo isso aliado a uma campanha forte nas redes sociais e a uma parceria com a TV Liberal (afiliada Rede Globo). Queríamos recriar a expectativa que marcava o ritual de ir ao cinema. E conseguimos.

Com 550 pessoas sentadas (referência ao número de poltronas do Argus) e por volta de 1.500 em pé (ou trepadas em cima das árvores), o público assistiu aos 89 minutos de sessão atentamente e até o final dos créditos, vibrando a cada depoimento, a cada recordação dos filmes e eventos que marcaram a história do cinema de Castanhal. Quarteirão inteiramente lotado. Mesmo com tantas pessoas em pé (algumas com crianças de colo), não houve evasão antes do final da sessão. Nem bagunça ou qualquer confusão. Um verdadeiro encontro de gerações. Entre os mais jovens, frases do tipo “Por que que deixaram algo tão bacana acabar?” e “Deu pra sentir saudade do tempo que não vivi”. 21 anos depois, o Argus voltou a promover o encontro de amigos e parentes e a celebração de um evento cultural no município. Ainda que por uma noite, sentimos novamente o gostinho de ir a um cinema de rua em Castanhal. A repercussão na cidade foi gigantesca nos dias seguintes, lembrando outra característica dos cinemas de rua: as reverberações e bate papo sobre os filmes com os amigos dias após as exibições.

Possibilidades de reabrir o Argus, considerando o contexto de reabertura de outros cinemas de rua no Brasil e no mundo? Pelo menos como estratégia de marketing para a estreia do filme. “O Cine Argus vai voltar” foi um dos posts impulsionados que fizemos no facebook, nas intensas divulgações do evento nas redes sociais. E voltou mesmo. Pelo menos, a nível simbólico. A brincadeira deu certo. Por uma noite a mais, todos adentramos nosso saudoso cinema de rua. Na rua.

O retorno literal do Argus dependeria de outros fatores como interesse do poder municipal, mobilização popular e realização de estudos sobre as melhores estratégias para formar e cativar o público. E definição do que seria o Argus em tempos de Netflix e de tantas janelas de exibição de filmes. Eu apostaria no Argus como um centro cultural, para abrigar não somente exibições de cinema, mas outras apresentações como teatro, música, recitais de poesia, exposição de artes plásticas e manifestações artísticas as mais diveras, como de fato

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

ele o foi durante toda sua existência. E no poder da experiência da fruição coletiva de um espetáculo e das relações socioafetivas esse vivenciar propiciona, ao contrário dos smartphones.

Mas, isso é assunto que renderia outra pesquisa (ou cenas de um próximo capítulo). A que nos propomos até agora tem por objetivo a preservação e divulgação da história do Cine Argus, por meio da exibição de seus dois filmes em diversas mostras e festivais em todo o Brasil, bem como através do blog, da fanpage e, finalmente, deste artigo. Com foco não no lamento de sua perda, mas na celebração de sua memória.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Stella; LIMA, Danielle; SILVA, Thays. Salas de Cinema: da rua ao shopping center. **II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades,** Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013.

CARNEIRO, Amílcar Queiroz; SILVA, José Edivaldo Moura. **A Infância nos Tempos do Cine Argus**. Castanhal, 24/07/2016. Disponível em: http://memoriasdocineargus.blogspot.com/2016/07/a-infancia-nos-tempos-do-cine-argus.html. Acesso em 15 Dez. 2020.

CARNEIRO, Eva Dayna. **Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2011.

COSTA, Ariane Baldez. **A sétima arte aporta na "Pérola do Caeté"**: memória, história e cinema em Bragança entre os anos de 1960 e 1990. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, 2015.

COSTA, Flávia Cesarino. **O Primeiro Cinema**: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

FERRAZ, Talitha. As potências da "nostalgia ativa" na luta pela salvaguarda do Cine Vaz Lobo. **REVISTA ECO PÓS**; COMUNICAÇÃO URBANA; v. 21, n. 3, 2017.

FERRAZ, Talitha. **"Era como entrar numa catedral"**: os cinemas de estação e a memória do consumo cinematográfico no subúrbio carioca da Leopoldina (1940-1980). PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2014 (8 a 10 de outubro 2014).

FERRAZ, Talitha. **Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña**. Escola de Comunicação da UFRJ (ECO-UFRJ). Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Cinema%20de%20rua%20e%20construcoes%20de%20memorias%20no%20espaco%20urbano%20da%20Praca.pdf. Acesso em: 11 nov. 2020.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

FREIRE, Rafael de Luna. ZAPATA, Natasha. Quantas salas de cinema existiram no Brasil? Reflexões sobre a dimensão e características do circuito exibidor brasileiro. **Significação,** São Paulo, v. 44, n. 48, p. 176-201, jul-dez. 2017. pp. 177-201.

KUHN, Annette; BILTEREYST, Daniel; MEERS, Philippe. Memories of cinemagoing and film experience: An introduction. **Memory Studies,** v. 10, n. 1, p. 3–16. 2017.

MEMÓRIAS do Cine Argus. Direção de Edivaldo Moura. Castanhal, 2014. 1 DVD (20 min). Disponível em https://vimeo.com/124667423.

O CINEMA de Seu Duca. Direção de Edivaldo Moura. Castanhal, 2016. 1 DVD (89 min). Disponível em https://vimeo.com/178610797.

PINTO FILHO, Manoel Carneiro. **Entrevista**. Castanhal, 1978.

SOUZA, José Inácio de Melo. **O cinema na cidade**: algumas reflexões sobre a história da exibição cinematográfica no Brasil. Mnemocine, 2013. Disponível em: http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/24-histcinema/200-resenhafreire. Acesso em: 12 out. 2020.

VERIANO, Pedro. **Fazendo Fitas**: memórias do cinema paraense. Belém: EDUFPA, 2006.

VERIANO, Pedro. **Cinema no Tucupi**. Belém: SECULT, 1999.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.403
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional